

Review Y Tu Mamá También (Alfonso Cuarón, 2001)

por *cinemanifesto*

É de uma certa forma difícil escrever qualquer coisa sobre a película, na tentativa de ser o mais neutra possível, me volto ao que é mais complexo (cuidado! Freud explica).

Coming of age é um termo utilizado para categorizar um subgênero cinematográfico que aborda tópicos que se dizem respeito ao amadurecimento individual-social, como em *The Perks of Being a Wallflower*, *Mid90s*, *Lady Bird*, *Kids* ou *Where The Wild Things Are* (meu favorito).

Acredito que a idade seja uma questão subjetiva ao falar sobre amadurecimento e amadurecer pode se referir à inúmeras coisas. Em *Y tu Mamá También*, vemos o amadurecimento pessoal de três corpos, mesmo que um deles já tenha provavelmente atingido seus quase 30 anos.

Y tu mamá también é um filme de 2001 dirigido por Alfonso Cuarón que estrela a amizade entre Tenoch (Diego Luna) e Julio (Gael Garcia), dois adolescentes ricos que vivem ansiosos o seu verão, com a ajuda de drogas e de muita, muita falácia sobre sexo. Luisa (Maribel Verdú), uma mulher mais velha, atraente e curiosa aparece em uma festa familiar de Tenoch, causando grande desejo de ambos os rapazes, que a convidam para uma viagem à praia – e por passar por seus próprios demônios pessoais, ela resolve aceitar.

Dentro desse contexto nós embarcamos em uma *road trip* energética e divertida, com alguns soluços que vão nos fazendo olhar sempre um pouco mais fundo.

Vale a pena mencionar também, se isso não for um *spoiler* que atrapalhe a sua possível experiência, que o filme decidiu adotar uma narração terceira que te contextualiza algumas cenas de forma breve e sutil. Certeiro e encantador.

Tenoch e Julio são melhores amigos.

Uma amizade que só existe porque entre ela, há o ânimo da juventude.

Ambos têm uma relação que os satisfazem em diversos sentidos, principalmente por serem dois jovens, belos e cheios de ardor, mas como qualquer relação — é instável.

Interessante a escolha de *o que mostrar e como mostrar*. A história diz sobre muitas coisas, apesar de escolher bem em quais vai mergulhar. Amadurecimento sexual, segregação social, traumas familiares... Aquelas coisas que todos nós vivemos e passamos grande parte do tempo negando sua existência. Mas existe um tópico no

longa que te é oferecido de uma maneira sutil, quase comendo pelas beiradas, testando seu limite: A morte.

A morte aqui aparece diversas vezes, sempre bruta (como ela geralmente costuma ser) sempre íntima, nunca vivida em conjunto. Ela rodeia os protagonistas o tempo todo, mesmo que eles mal a percebam, ela está sempre ali. E há algo mais triste do que falar sobre morte no início da juventude?

A fotografia encontra beleza no sutil e é tão lindo de ver. O roteiro, para mim, é onde mais encanta. Tão sincero, tão doloroso, cru. O sol quente parecia aquecer tanto a câmera que o calor chegava até mim, e o nu explícito pouco me traz qualquer questionamento, acredito que os corpos se comunicam com o espectador muito bem. De uma atuação que vale a pena ser mencionada, principalmente a de Gael Garcia que tomou meu coração. Não é um filme charmoso (por mais belos que os personagens possam ser), me remete muito ao retrato áspero que encontramos em *Kids* (1995), mas aqui um pouco mais cuidadoso, com mais verdade *no que se sente do que no que se vive*.

Como alguém que muito chora, derrubei uma única e retraída lágrima ao terminar o filme. Sem muitos choques, me senti num dia quente, depois de ouvir alguém dizer o nome de uma pessoa que já tinha sido esquecida dentro do meu coração, mas que ainda reside lá.

Com um último questionamento, me resta me perguntar sobre o processo de amadurecimento emocional que passamos ao longo de toda vida: Crescer e mudar também necessita deixar coisas mal resolvidas para trás, a fim de continuar vivendo dentro daquilo que você almeja para si mesmo? Acredito que sim... Mas pensando bem, como estão meus amigos da escola que já tanto viveram comigo?

Enfim. Provavelmente eu ainda pense e pense muito sobre Y Tu Mamá También. Mas por enquanto, essas são as únicas palavras que consegui escrever sobre.

“Garotos como eu sempre tão espertos, perto de uma mulher são só garotos”